



PESQUISA EM TORNO DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA – ALGUNS DE MEUS PERCURSOS.

Silvio Zamboni. UnB

Início esta apresentação agradecendo o convite com que fui honrado para proferir conferência no 22º Encontro Nacional da ANPAP, evento que tem sido tão significativo para o conjunto dos pesquisadores em arte. Vou tratar de minha produção artística não sob a forma do texto acadêmico, que segue os rigorosos protocolos da edição científica, mas, preferencialmente, como um relato assentado mais na subjetividade, no qual revelo minhas chaves metodológicas, e aqui e ali vou pontuando com referências de especialistas e teóricos da área.

Passarei a expor alguns percursos de minha pesquisa com a linguagem fotográfica na produção de objetos artísticos – as imagens captadas digitalmente e trabalhadas posteriormente com ferramentas disponibilizadas por *softwares* específicos. Para começo de conversa, sempre digo que não sou um fotógrafo, no sentido rigoroso do termo. Nada contra se o fosse, contudo. Sou um artista formado na pintura e “conformado” segundo seus preceitos. Tanto que, em grande parte de meu trabalho, é à pintura que estou sempre rendendo tributo, ao fazer fotografia de arte. Utilizo a câmera e os *softwares* para produzir imagens que evoquem no expectador as emoções, os sentimentos, o estado da alma que evocaria este ou aquele assunto se estivesse representado numa pintura.

1- PESQUISA DA IMAGEM

De forma bem abrangente, posso dizer que todo o meu trabalho fotográfico está ligado à pesquisa pura da imagem. Ou seja, meu interesse está focado na exploração das possibilidades e alternativas às quais determinada imagem me faz aceder. Não tenho outra preocupação a não ser a própria imagem, uma

imagem ressignificada em outra (ou em outras imagens). Preocupações de outras ordens e esferas, como políticas, ambientais ou culturais – preservação de patrimônio, tombamentos etc. – , se se permitem ler em minha obra, não as busquei intencionalmente, é por obra e graça das coincidências ocorridas na jornada do trabalho.

Estou sempre à procura de soluções genuinamente artísticas que venham redundar em variantes ou variações da imagem capturada em primeira mão, condizentes com meu universo conceitual estético. A via que utilizo para atingir esse ideal é a exploração de todas as possibilidades que me concede a tecnologia digital.

Diferentemente do fotógrafo tradicional ou do repórter fotográfico, não tenho compromisso com o registro em si, com o momento a ser eternizado, nem com a verossimilhança do objeto fotografado. Minha fotografia é essencialmente uma fotografia autoral de arte, e como qualquer obra de arte, o que importa é a excelência estética do resultado final.

2. UNIVERSO CULTURAL

Tenho uma predileção quase inata pelos temas vinculados ao patrimônio cultural, principalmente aos que pertencem ao mundo da arquitetura – patrimônio material – sem desprezar, entretanto, os relacionados ao patrimônio imaterial. Tal temática é sempre recorrente em minha obra. A arquitetura colonial atrai a minha lente como o fogo de uma paixão. Nem sempre na inteireza em que se apresentam monumentos, edifícios, casarios, reconhecíveis tais quais se mostram na cena real. Em minhas imagens, predominam recortes de portas e janelas coloniais, pedaços de telhados, fatias de paredes, porções de muros carcomidos, soleiras gastas, numa somatória de volumes, texturas e cores que criam ou recriam objetos outros, não mais reconhecíveis em seu significado primitivo.

Dentro da fotografia de arquitetura, evito, na maior parte das vezes, a presença da figura humana, quer estática, quer em movimento. O que atrai meu olhar não é o momento em que coisas acontecem, é mais o modo como as coisas se apresentam ao meu olhar. Procuro captar a disposição das coisas

num novo significante. Meu olhar busca captar a composição, a geometria, o enquadramento, a luz, a cor, a sombra – os elementos compositivos da imagem que reputo artística.

3- SISTEMATIZAÇÃO

Trabalho com grande senso de objetividade, procurando tirar o máximo proveito do tempo em que tenho a câmera na mão. Planejo saídas, excursões e viagens específicas destinadas a obter imagens de determinado sítio. Não faço fotografias dentro do meu cotidiano, porque não busco o inesperado que pode saltar à minha frente ou o momento que sutilmente pode se oferecer às lentes. Não carrego a câmera rotineiramente comigo; quando a tomo, é para cumprir um planejamento prévio, para fotografar lugares ou eventos selecionados e escolhidos de antemão.

Tenho organizado as fotos em meu portfólio seguindo o projeto de pesquisa que as originou. Visualizando-as, podem ser identificados sítios (cidades, regiões ou países) ou temáticas. Desse modo, dentro de sítios, tenho desenvolvido uma pesquisa permanente em cidades coloniais brasileiras, nas regiões de Goiás e de Minas Gerais, que têm me rendido imagens de inusitada riqueza estética. Outro exemplo: dentro da temática “reflexos e transparências”, tenho me aproveitado de cenas urbanas que me ofereçam superfícies sensíveis ao reflexo e elementos transparentes que permitam à câmera captar objetos e pessoas como se estivessem num jogo de posição e sobreposição.

Depois de trabalhadas em programas de edição de imagens, qualquer que seja o projeto de pesquisa a que estão vinculadas, as imagens são distribuídas em séries e periodicamente expostas em mostra virtual no meu site www.silviozamboni.com, ou publicadas em livros temáticos, ou plotadas para serem exibidas em exposições factuais.

4. PROJETOS DE PESQUISA

4.1 - FOTOGRAFIA NEOCONCRETA

À medida em que fui obtendo imagens extraídas da arquitetura barroca de cidades coloniais brasileiras, foi-me aguçando o interesse de radicalizar as

formas geométricas que dominavam a mancha fotográfica. Disso, nasceu o projeto neoconcreto. Foi atribuído esse nome à série de fotos daí originadas devido às semelhanças e afinidades com a corrente concretista “sensível” que se estabeleceu, principalmente no Rio de Janeiro, em meados do século XX. Ronaldo Brito explica que o neoconcretismo, no Brasil, “foi uma tentativa de renovação da linguagem geométrica, contra o caráter racionalista e mecanicista que a dominava até então. Mais especificamente, uma tentativa de *revitalizar*, no sentido mais estrito do termo, as propostas construtivas, dando ênfase aos aspectos experimentais da prática artística.”¹

Na apresentação da obra impressa, Marília Panitz ressalta que a leitura dessas imagens neoconcretas “provoca a ambiguidade entre o reconhecimento de um batente de janela aqui, de uma pedra de cantaria que indica a entrada da casa ali, de um descascar da parede de adobe recoberta com a brancura do cal e, por outro lado, a abordagem da imagem pela sofisticada e sintética composição de linhas e campos e cor.” E mais adiante: “Pensadas como diálogo e não reconfiguração do universo neoconcretista, as fotografias da série reivindicam a sua atualidade naquilo que portam de referência ao passado. É no enquadramento do detalhe sob determinada luz que incide sobre essas cidades de um tempo já fora do tempo, que a novidade se apresenta: e ela é articulação de pensamentos de sintaxes aparentemente opostas.”²

4.2- QUEM TEM MEDO DE OLHAR PARA CIMA

O embrião deste projeto remonta à época de minhas mais longínquas pinturas a óleo, quando eu fotografava, de forma bastante rudimentar, os elementos que depois passaria para a tela. Depois de ter recorrido à fotografia como forma de fazer arte, e movido por uma busca incessante de pesquisar novos ângulos e novas perspectivas de enquadramento, vi esta série surgir quase naturalmente.

Tendo os telhados da arquitetura colonial como elementos de composição carregados de ressignificação, passei a experimentar a captura das imagens de edificações de baixo para cima, posicionando a câmera em

direção ao alto. As imagens obtidas com esse enquadramento voltado para o céu mostravam ao expectador aspectos das edificações por ele nunca vistas. Era uma maneira de deformação de coisas muito reais. Olhadas agora por um ângulo quase nunca demandado pelo transeunte urbano, ganhavam outra identidade, tornavam-se outra coisa. Ocorreu-me indagar se os transeuntes tinham medo de olhar para cima. Estava aí criado o título que deu nome à pesquisa.

Fui percebendo que não bastava a posição do fotógrafo em relação ao objeto fotografado para obter imagens que renderiam esteticamente. A disposição dos elementos arquiteturais e o recorte que eles faziam do céu eram fatores que não produziam automaticamente uma boa somatória. Havia de dar mais atenção ao céu. Céu que, no dizer de Marília Panitz, “é, ao mesmo tempo, o que vem emoldurado pelas edificações – e aí é motivo – e fundo desse recorte anamórfico dos prédios, vertiginoso resquício da natureza na ‘geometria urbana’.”³

4.3- REFLEXOS E TRANSPARÊNCIAS

Os reflexos e as transparências há muito são utilizados na fotografia. Mas decidi integrá-los num projeto de pesquisa pelo que comportam de distorção, de deformidades, de aberração de uma realidade que o olhar comum costuma ver como pura e limpa, porque não deseja ver e afasta da visão a fantasmagoria produzida exatamente pelos reflexos e transparências. De novo, é a insistência em fazer ver o que normalmente não se vê.

Para produzir esta série, busquei elementos reflexivos capazes de entrar em composições complexas, das quais resultassem fusões naturais de imagens. As lentes da câmera encontram sua cena privilegiada nas vitrines de lojas, nos capôs de carros, em espelhos retrovisores, pisos brilhantes, superfícies com água. Nesse caso, não utilizo nenhuma ferramenta digital de fusão de imagem.

Dessa pesquisa, Wagner Barja comenta: “Nessa série de imagens, fica também evidente que Zamboni quer vivenciar os espaços urbanos e mediá-los conosco e, realmente, quer tocar as coisas do mundo. Sua pesquisa imagética

propõe que o ponto de vista do fotógrafo esteja localizado no âmago da imagem.” Mais adiante: “Zamboni explora a linguagem fotográfica, com esmerado controle técnico e para obter a translucidez nas superposições das cores, recorre ao emprego de um metódico planejamento, que, ao contrário do conceito e da poética de suas imagens, nada tem a ver com o acaso.”⁴

4.4- FOTOGRAFIA PRETO E BRANCO

Nesta pesquisa da fotografia preto e branco, investiguei o resultado de transformar imagens captadas a cores em imagens na escala de tons de cinza. Na verdade, para alguns teóricos e especialistas, faço uma transgressão ao produzir fotos P&B a partir de fotos coloridas. Mas aí está um exemplo de caminho, aquele em que se experimenta o contrário, o avesso, o não usual. As Artes talvez sejam o único campo do conhecimento em que se faz experimentação com uma metodologia às avessas. Pois assim foi.

Todas as fotos desta série foram obtidas originalmente em cores. Ao reduzi-las à paleta de tons do P&B, fui percebendo que nem todas as imagens apresentavam um bom resultado estético. Precisei refinar a seleção e trabalhar apenas com aquelas cujos elementos ganhavam maior significação quando submetidas ao tratamento P&B. Muitas das imagens resultantes desse trabalho de pesquisa estão publicadas no livro intitulado P&B, e sobre elas comentou Cinara Barbosa: “Com esse trabalho, Silvio Zamboni mostra de fato que a única coisa que há de verdadeiro é a construção de um discurso visual. E que a imagem só tem sentido por estar submetida a uma criação, a uma intervenção e à perspectiva de mundo de quem a escolhe.”⁵

4.5- FOTOGRAFIA HIPERÍBRIDA

Este projeto de pesquisa foi criado recentemente e está ainda em estágio inicial de desenvolvimento. O objetivo é verificar o resultado da utilização vigorosa de vários recursos digitais disponibilizados por *softwares* apropriados, para criar e recriar imagens a partir de elementos ressignificantes do campo da pintura e da gravura.

ADENDO AO TEXTO

Ninguém nega que a área de Artes, perante o mundo acadêmico, comporta um sem-número de especificidades. Essa realidade não pode ser mistificada; ao contrário, deve ser respeitada. Nesse sentido, considero que o artista pesquisador está sendo submetido, nas instituições de ensino superior, a uma extracarga, no momento em que é avaliado pela universidade ou por agências de fomento. Além de apresentar o produto de sua criação artística, tem de apresentar um texto teórico-metodológico sobre essa dita criação artística para ser bem avaliado.

Ocorre que, na busca de serem bem avaliados, os artistas pesquisadores investem muito mais dedicação e esforço (leia-se: tempo) na escritura do texto teórico-metodológico do que no trabalho de criação artística. Além do mais, exige-se cada vez mais rigor na elaboração desses textos. Tudo bem com os pesquisadores teóricos, seu *métier* está direcionado exclusivamente a isso. Mas nada bem com os artistas pesquisadores.

Por essa questão, é cada mais frequente o artista acadêmico produzir mais teoricamente do que na elaboração do fazer artístico, e muitos acabam mesmo quase que abandonando os trabalhos de ateliê ou do laboratório para abraçar uma postura eminentemente teórica.

Quero deixar claro que, em momento nenhum, eximo o artista pesquisador da reflexão teórica, a minha preocupação é com a extracarga que se exige dele, quase que uma dupla jornada de trabalho.

Lanço essa ideia como provocação para levantar opiniões. Se for considerada pertinente, a ANPAP é o fórum adequado para abrigar uma discussão dessa natureza.

¹ BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999, p. 64.

² *Fotografia Neoconcreta – notas em torno da linha e da luz sobre a cor local*. Apresentação ao Livro-Box A Fotografia Neoconcreta, de Silvio Zamboni. Curadoria de Marília Panitz (livro de artista - fotografia). Brasília, 2007.

³ *Ou... quem tem medo de olhar para cima*. Apresentação de Marília Panitz ao catálogo da exposição Quem tem medo de olhar para cima, de Silvio Zamboni. Curadoria de Marília Panitz. Galeria Piccola I, Caixa Cultural Brasília, 2009.

⁴ Foto/comentário da pintura. Apresentação de Wagner Barja ao livro *Reflexo transparência*, de Silvio Zamboni. Curadoria de Wagner Barja. Brasília, 2009.

⁵ Texto de apresentação ao livro *P&B*, de Silvio Zamboni. Curadoria de Cinara Barbosa. Edição do artista, Brasília, 2005.

Silvio Zamboni

Possui graduação em Engenharia Agrônômica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1973) , mestrado em Economia Agraria pela Usp Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz (1976) e doutorado em Artes pela USP (1991). Atualmente é Professor Adjunto 4 da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Artes , com ênfase em Fotografia. Atuando principalmente nos seguintes temas: Pesquisa em Arte, Metodologia de Pesquisa em Arte.